

Meninos são uma catástrofe na escola: quota de professores homens no magistério alemão pode ser uma solução?

Mareli Eliane Graupe*

Na Alemanha há uma discussão para aumentar o número de professores no magistério, que atualmente é predominado pelo público feminino. O Ministro da Educação afirmou: “nós temos que aumentar o número de professores homens no campo da docência e seria ótimo se tivéssemos uma quota de homens”.¹ Mas, é importante ressaltar que ainda há muita polêmica referente esse tema, porque alguns especialistas na área da educação questionam qual importância assumiria o critério de qualidade da profissionalização e do ensino, se for exigido uma quota de 50% de homens e de mulheres no magistério.

A Alemanha planejou em 1996, juntamente com a União Européia, que até 2006, aumentaria no mínimo 20% o número de professores homens trabalhando no magistério alemão. Mas, atualmente, constata-se que esse país ainda está distante de atingir o seu objetivo e, que também não aumentou efetivamente o número de homens nos cursos de profissionalização na área da educação.

Essa temática já está sendo discutida internacionalmente, desde a década de 1990, como por exemplo, nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e na Austrália. Dentre esses debates está a importância da figura masculina na vida escolar da criança, como os homens se sentem trabalhando no contexto educacional e, também, por quê poucos possuem interesse em atuarem no campo do magistério.

Alguns autores como Diefenbach & Klein (2002, p 950) argumentam que a redução do número de professores no magistério, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, possivelmente influenciou no desempenho escolar dos meninos e cogitam a hipótese de que “o baixo índice do desempenho escolar apresentado pelos guris durante a última década e a redução do número de rapazes na taxa de conclusão do Ensino Médio, podem estar relacionadas com a baixa quota de professores homens na docência”. (Como podemos observar os dados do Gráfico: há um aumento do número de professoras no magistério a partir da década de 60)

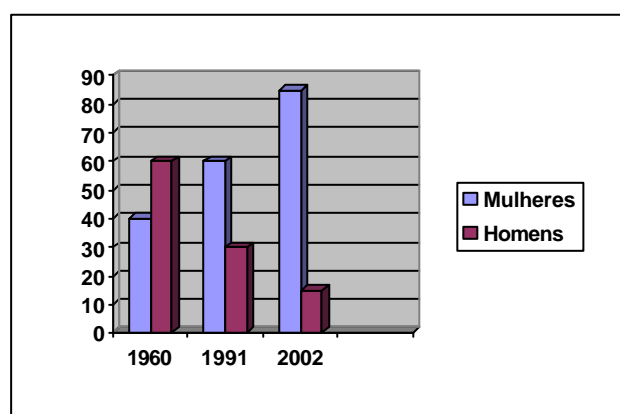


Abbildung 1: Gráfico com número de Professoras/es no magistério alemão.²

* Doutoranda em Educação na Universidade de Osnabrueck – Alemanha.

¹ Informações em: BEUSTER, 2006.

² In: Bildungsstatistik: www.lds.nrw.de/statistik/datenangebote/analysen/land, 19.05.2008

Por que é importante a imagem masculina na educação de alunas/os? Sanem Kleff³ defende dois possíveis argumentos para responder essa questão: primeiro, a Alemanha necessita de professores homens para educar meninos e meninas na escola, pois muitas crianças durante o importante período da fase de desenvolvimento (cinco até a puberdade) praticamente não possuem exemplos e, muito menos, convivência com o sexo masculino em casa. A partir dos dados publicados no site ‘*getrennt, geschieden*’, “80% das crianças de pais separados vivem com a mãe”.⁴ O segundo aspecto relevante, “é que a profissão docente é constituída por aproximadamente 70% de mulheres, e nos anos iniciais do Ensino Fundamental (Grundschule) este número ainda é maior” (BEUSTER, 2006, p. 11). Enfim, os garotos possuem poucas chances de se espelharem numa figura masculina tanto em casa como na escola.

O autor alemão Frank Beuster, que escreveu o polêmico livro “*Os meninos são uma catástrofe na escola*”, afirma que “os guris apresentam maiores dificuldades do que as gurias na escola e as professoras, na Alemanha, não estão preparadas para trabalharem com a co-educação” (BEUSTER, op.cit., p. 20), isto é, educar em uma mesma sala meninos e meninas, valorizando e provendo o desenvolvimento integral de cada sujeito.

Nas últimas décadas, as meninas ultrapassam os meninos no desenvolvimento escolar nas escolas alemãs e elas dificilmente abandonam a escola sem concluírem o curso, enquanto que os rapazes estão abandonando com mais frequência a escola ou eles concluem o Ensino Médio com notas inferiores as das moças. Outra questão apresentada é que os garotos possuem mais problemas de indisciplinas na escola que as garotas.⁵ Um terço dos meninos apresenta dificuldades na leitura, na escrita e na interpretação de textos. Eles lêem com mais frequência revistas em quadrinho e manuais, enquanto que as meninas lêem revistas, jornais, romances e livros de histórias.

Os meninos representam 60% da “Quota de Evasão”⁶ nas escolas. Eles são minoria no Ginásio, mas são maioria na Escola Real e na Escola Principal. (Ginásio é um curso que prepara as/os alunas/os para a Universidade, Escola Real oferece cursos profissionalizantes e a Escola Principal é frequentada por alunas/os que possuem baixas capacidades de aprendizagem – essa escolha sobre qual escola cada criança deve frequentar é feita no quinto ano, baseada no critério da nota). Esse é um sistema excludente que separa os ótimos, bons e maus alunas/os em 3 diferentes tipos de escola.

Na Alemanha foi realizada uma pesquisa para identificar se as/os alunas/os gostam de frequentar a escola. Segundo os dados, apenas 32% dos garotos em relação a 50% das garotas gostam de frequentar a escola.⁷ Os rapazes apresentam com mais assiduidade desmotivação, desinteresse, indisciplina e muitas vezes, demonstram os seus medos e suas frustrações através de violências, enquanto que as moças são mais dedicadas, cooperativas e geralmente, resolvem os problemas de socialização por meio do diálogo. Essas características, entre outras, são conhecidas como estereótipos para cada sexo. Nesse caso, qual é a função da escola? Como a escola deve trabalhar essas diferenças entre os sexos? Será que uma quota de professores resolverá esses problemas?

³ Sanem Kleff von der Gewerkschaft Erziehung und Wissenschaft: Quotenmänner für die Erziehung. In: http://gruene-berlin.de/positionen/stach_arg/135/135-gespraech.htm, 19.05.08.

⁴ <http://www.vew.ch/lit/behavior.htm>, 19.05.08.

⁵ Dados über die Benachteiligung von Jungen: <http://www.fraktion.gruene-niedersachsen.de/cms/>, 08.06.2008.

⁶ In Bildungsstatistik: www.lds.nrw.de/statistik/datenangebote/analysen/land, 19.05.2008.

⁷ In: <http://www.fraktion.gruene-niedersachsen.de/>, 06.06.2008.

Conforme os resultados do PISA-Student⁸, os meninos apresentam dificuldades escolares, problemas de comportamento social e, muitas vezes, os professores, principalmente as professoras, não contribuem para amenizar essas questões. Por isso, entre outros motivos, começou-se a discutir a temática “Relações de Gênero” com mais frequência nas políticas públicas de educação na Alemanha. Mas, o que significa gênero neste contexto? Gênero é um conjunto de expressões sobre aquilo que se pensa do masculino e do feminino. Em outras palavras, a sociedade constrói significados, símbolos, características para definir cada um dos sexos. A essa construção social dá-se o nome de relações de gênero. Resultante da forma de percepção de gênero masculino e feminino pela sociedade, criam-se perspectivas específicas para homens e para mulheres. A autora americana Joan Scott explica que gênero se refere ao discurso da diferença dos sexos, isto é, “ele não se relaciona simplesmente às idéias, mas também às instituições, às estruturas, às práticas cotidianas como os rituais, e tudo o que constitui as relações sociais” (SCOTT, 1998, p. 15).

A discussão sobre “*gênero e escola*” já existe na Alemanha desde o início da década de 1980 e agora este tema retornou, com um novo enfoque. Primeiramente, ressaltava-se que as moças eram prejudicadas na educação escolar, e atualmente, as relações de gênero na escola, são discutidas na perspectiva de alertar que a escola não está cumprindo o seu papel de promover e incentivar o processo de ensino e aprendizagem de meninas e meninos.

É importante também ressaltar que os garotos não devem ser considerados como perdedores ou vítimas do feminismo. Mas, que a perspectiva de gênero dever ser trabalhada na escola para incentivar os direitos iguais de desenvolvimento e sucesso escolar de ambos os sexos. Para que isso aconteça, é necessário que toda a comunidade, os pais, os professores e os/as alunos/as participem efetivamente dessa proposta – “*Educação de qualidade para sexos diferentes*”.

Possivelmente, muitos/as professores/as ainda trabalham as questões de gênero, isto é, a construção social sobre as diferenças existentes entre alunos/as, segundo os velhos estereótipos (gurus são agressivos, inquietos, bons alunos em matemática, as garotas são meigas, etc.) ou ainda trabalham com os meninos e as meninas como se elas/eles fossem iguais (perspectiva neutra).

Nos últimos dois anos há uma intensa discussão sobre “*geschlechtergerechte Schule*”⁹, principalmente, depois que PISA-Student constatou que as escolas alemãs não oferecem boas oportunidades para gurus e gurias. Uma escola co-educativa precisa oferecer diferentes atividades, diferentes motivações para ambos os sexos, como por exemplo, as meninas devem ser estimuladas para as áreas técnicas e os meninos para as áreas sociais. Também, deve questionar como os papéis femininos e masculinos são representados nos livros didáticos, nas histórias infantis. Se a escola não considerar e questionar esses aspectos ela não pode ser chamada de escola co-educativa, mas somente de escola mista.

Na Alemanha, vários professores estão abrindo as portas das suas salas de aula para especialistas educacionais investigarem “*qual é a melhor forma de educar meninos e meninas promovendo o desenvolvimento pleno de ambos os sexos*”. Isso está acontecendo devido o intenso questionamento de intelectuais e a importância que esse tema sobre “*geschlechtergerechte Schule*” adquiriu na sociedade alemã.

⁸ Das Program for International Student Assessment (PISA) der OECD possui como objetivo avaliar a qualidade da educação que é oferecida nas escolas dos países participantes da OECD - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

⁹ Escola com direitos iguais para sexos diferentes

A relevância da discussão sobre o pleno desenvolvimento das/os alunas/os na escola é mais importante do que aparenta ser, pois se não tivermos professoras/es capacitadas/os para trabalharem com a educação de meninos e meninas, provavelmente voltaremos a ter a monoeducação. Sem esquecer que na Alemanha, ainda existe monoeducação, isto é, escolas separadas para garotos e para garotas. Outros países, como por exemplo, os Estados Unidos estão aumentando o número de escolas monoeducativas: em 1995 havia apenas três escolas, mas, a partir de novembro de 2006, há 241 instituições públicas.¹⁰

Na Alemanha há um grupo de especialistas que defendem a monoeducação e, argumentam através de pesquisas de campo que, “as meninas possuem mais interesse e melhores notas nas áreas técnicas, quando elas estão em grupos homogêneos. Os gurus possuem melhores capacidades de concentração e de aprendizagem nas escolas monoeducativas” (KESSEL, 2002, p. 113-150). Algumas revistas femininas, como por exemplo, a “Ema” já questionava em 1981 se a co-educação produz o sucesso ou o fracasso das/os alunas/os (*Macht koedukation dunn?*).

A co-educação (ou melhor, escola mista)¹¹ apresenta vários problemas. Mas, por outro lado, a monoeducação não é uma solução para os problemas do fracasso dos gurus na escola, pois, homens e mulheres não vivem em sociedades separadas. Por que teremos que educar meninos e meninas em escolas monoeducativas? Algumas escolas co-educativas alemãs já oferecem algumas disciplinas, como as técnicas, para grupos separados segundo o sexo. Como por exemplo, as meninas terão aula de matemática, sem a presença de meninos na sala e, vice-versa.

A autora Hannelore Faulstich-Wieland alerta para a importância e a necessidade de estudos e discussões sobre “*geschlechtergerechte Schule*”, isto é, uma escola com direitos iguais de promoção para alunas/os. Segundo a autora, “uma ‘*geschlechtergerechte Schule*’ deve reconhecer e promover o sucesso integral de cada criança, questionando os estereótipos que são considerados como típicos e normais para cada sexo”. Mas, será que os profissionais da educação estão preparados para educar e promover, ao mesmo tempo, o sucesso de meninas e meninos? Não estão, mas a sociedade alemã já está integrando com muita ênfase a temática de gênero nos cursos superiores e investindo em pesquisas de campo nas escolas. Algumas entidades estaduais estão realizando projetos educacionais que abordam essa problemática.

Também é importante questionar se o sistema de quotas será uma solução para o aumento do número de professores no magistério. Será que os homens possuem interesse em atuar nesta área? A área educacional enfrenta ultimamente um certo desprestígio social e desvalorização salarial. Esse processo não é tão efetivo na Alemanha como no Brasil, pois um professor, que trabalha nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas escolas alemãs, recebe em torno de € 2.800,00 (= 6.999,00 reais) podendo chegar até € 5.000,00, dependendo do nível de qualificação, tempo de serviço e função que atua na escola. Com este salário uma família consegue viver bem na Alemanha e, segundo a pesquisa feita pela OECD¹², os professores alemães recebem um bom salário em relação aos engenheiros, aos bancários e os médicos, que não ganham muito mais que um professor.

As escolas não podem esperar até que 50% das vagas sejam compostas por professores homens. Elas precisam pensar numa estratégia para promover o sucesso não somente das meninas, mas também dos meninos no processo escolar. Pois, se atualmente as moças representam a maior quota de sucesso no ensino, isso ainda não significa que elas alcançaram

¹⁰ In: <http://wireltern.eu/index.php?q=node/491>, 18.05.08.

¹¹ Conceitos sobre escola mista e co-educação ver: AUAD, 2006.

¹² OECD significa Organização para a cooperação e o desenvolvimento econômico.

os altos cargos nas empresas, nas áreas técnicas, na política. Não se pode esquecer que ainda há muitas profissões predominadas pelos homens.

Enfim, uma quota de professores homens na educação não vai resolver o problema do fracasso de rapazes na escola e nem estimular que as garotas escolham profissões vistas como “masculinas” ou que aprendam a almejar altos cargos. Pois, mulheres como homens podem transmitir e re-construir com seus/suas alunos/as significados e valores sobre os papéis considerados como masculinos e femininos na sociedade. É necessária, sim, uma educação que invista no desenvolvimento de cidadãos “homens e mulheres”, livres de estereótipos apropriados para cada sexo e que enfatize os princípios de competência, responsabilidade, ética, cidadania e respeito a si mesmo, aos outros e ao universo.

Referências

- AUAD, Daniela. *Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BEUSTER, Frank. *Die Jungenkatastrophe: das überforderte Geschlecht*. Hamburg: Rowohlt, 2006.
- Bildungsstatistik: www.lds.nrw.de/statistik/datenangebote/analysen/land, 19.05.2008.
- Benachteiligung von Jungen, In: www.fraktion.gruene-niedersachsen.de/cms 08.06.2008.
- DIEFENBACH, H./ KLEIN, M. “Bringing Black”, *soziale Ungleichheit zwischen den Geschlechtern im Bildungssystem zuungunsten von Jungen am Beispiel der Sekundarabschlüsse*, In: *Zeitschrift für Pädagogik*, 2002/6, p. 938-958.
- [Http://www.vev.ch/lit/behavior.htm/](http://www.vev.ch/lit/behavior.htm/), 19.05.08.
- [Http://www.fraktion.gruene-niedersachsen.de/](http://www.fraktion.gruene-niedersachsen.de/), 06.06.2008.
- KESSELS, Ursula. *Undoing gender in der Schule: eine empirische Studie über Koedukation und Geschlechtsidentität im Physikunterricht*. München: Juventa, 2002.
- KLEFF, Sanem. *Von der Gewerkschaft Erziehung und Wissenschaft: Quotenmänner für die Erziehung*. In: [Http://gruene-berlin.de/positionen/stach_arg/135/135-gespraech.htm](http://gruene-berlin.de/positionen/stach_arg/135/135-gespraech.htm), 19.05.08.
- SCOTT, Joan. *La citoyenne paradoxale. Les féministes françaises et les droits de l' homme*. Paris: Albin Michel, 1998.